

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades

4 a 6 de agosto de 2014

Universidade Federal do Espírito Santo

GT 01 - Africanidades e Brasilidades em Literaturas

As Mulheres de “Becos da Memória”: reflexões sobre gênero e raça no ambiente da favela

Márcia Maria Oliveira Silva¹

As escritoras no mundo inteiro têm, de maneira geral, conseguido uma inserção no mundo literário que antes era impossível (ou improvável), graças, principalmente, ao talento e à exposição de um universo feminino complexo que não dá mais espaço para o mito da passividade, inferioridade e fragilidade da mulher. Atualmente existe o reconhecimento de que é preciso resgatar, analisar e refletir a obra de diversas autoras responsáveis por um processo de desconstrução de estereótipos variados; nos textos da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo, percebemos uma série de aspectos e construções que visam justamente humanizar as personagens e não estereotipá-las. Evaristo trabalha inúmeras questões relacionadas a gênero, raça, etnia, memória, e através de suas narrativas é possível refletir sobre a realidade social do Brasil a partir de contextos e histórias de vida específicos.

Conceição Evaristo apareceu no cenário literário brasileiro em 1990, quando publica vários poemas nos *Cadernos Negros*² e desde então tem mostrado uma postura muito ativa no que diz respeito à reflexão de sua realidade

¹ Doutoranda em Teoria da Literatura; Universidade Federal de Pernambuco – UFPE; e-mail: marcia_mmos@hotmail.com.

² A primeira publicação dos *Cadernos Negros* se dá no ano de 1978, e desde então o Grupo Quilombhoje continua publicando textos de autores negros com o intuito de dar maior visibilidade à literatura negra e suas temáticas. Conceição Evaristo conhece o Grupo Quilombhoje nos anos 1980 e em 1990 publica seus primeiros poemas impressos no número 13. Entre esses poemas destaca-se o poema intitulado *Vozes-Mulheres*.

e de suas raízes sócio-históricas. Na maioria das vezes seus textos apresentam um olhar direcionado aos ‘seres invisíveis’ – como ela mesma fora um dia – de uma sociedade desigual e injusta. Neste caso a favela surge como um cenário perfeito para refletir sobre os indivíduos que são marginalizados e excluídos, não apenas pelo viés econômico, mas também por questões que dizem respeito principalmente à colonialidade do poder enquanto imposição de uma classificação racial/étnica (QUIJANO, 2000) e suas consequências para a atual formação social de vários países da América Latina – entre eles o Brasil.

Este trabalho surge com o objetivo de analisar o romance *Becos da Memória* (2013)³ buscando compreender a maneira como a desigualdade social e racial modela a vida de mulheres negras num contexto específico – a favela. Essa desigualdade funciona silenciando-as num ambiente marginalizado que através da criação e internalização de imagens negativas desenvolve uma vida fadada ao fracasso. Utilizando um arcabouço teórico de autores como Gayatri Spivak, Roland Walter, Eurídice Figueiredo, Edward Said, entre outros, buscamos analisar a trajetória de personagens evaristianas neste romance, problematizando questões sobre raça, gênero e trabalho, não apenas a fim de refletir sobre as experiências de sofrimentos dessas mulheres, mas também verificando um desejo real de liberdade materializado pela personagem Maria-Nova.

Em primeiro lugar destaca-se a forma como Evaristo aborda temáticas delicadas para a literatura brasileira (assim como para a literatura mundial), como, por exemplo, as questões de gênero e raça. A escrita de Conceição Evaristo surge com o desejo da presença. Para Figueiredo “o afirmacionismo negro/indígena quer tornar visível sua presença, considerando que o discurso nacional único sempre ‘esqueceu’ sua existência em proveito de um discurso homogeneizante” (FIGUEIREDO, 2013, p. 150), nesse aspecto o caminho dos subalternizados desta cultura homogeneizante (que é branca, masculina, cristã e de classe média) é restabelecer uma verdade sobre o passado diferente da que tem sido propagada. Quando, no início do romance, a narradora afirma escrever em homenagem a tantas pessoas “Homens e mulheres, crianças que se

³ Apesar de ter sido o primeiro romance escrito por Conceição Evaristo ele só é publicado em 2006.

amontoaram dentro de mim, como amontoados eram os barracos de minha favela” (como Vó Rita, Bondade, Tio Totó, Pedro Cândido, os bêbados, as putas, os malandros, as crianças vadias, e tantos outros) (EVARISTO, 2013, p. 30) vemos o interesse da narradora em dar visibilidade à história dessas pessoas marginalizadas por sua condição subalterna. Uma das preocupações de Spivak (2010) é na impossibilidade do subalterno falar e, conseqüentemente, ser ouvido, em *Becos da memória* há o encaminhamento para uma escrita não-subalternizadora que age em duas frentes: primeiro em relação ao sujeito negro, que passa a vida inteira lutando (ou não) para sair de uma posição de livre escravidão, mas também mostra muito interesse em (a)firmar a posição da mulher negra nessa sociedade opressora. Spivak acredita que a mulher vive numa dupla subalternidade:

A questão é, na verdade, que como objeto da historiografia colonial e como sujeito da insurreição, a construção ideológica de gênero mantém o masculino no poder. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o subalterno como feminino está ainda mais envolto em sombras. (SPIVAK, 2010, p. 82).

De maneira geral encontramos com facilidade histórias de mulheres vivendo essa condição subalterna e submissa. No romance há várias passagens que fazem referência a mulheres vivendo sozinhas e criando seus filhos, ou mesmo de mulheres agredidas pelos companheiros⁴. Também encontramos na narrativa, mulheres subordinadas a um sistema de trabalho que revela a inferiorização de sua condição social. Isso acontece, por exemplo, se pensarmos nas passagens sobre a personagem Ditinha. Empregada doméstica que mora na favela desde sempre Ditinha mostra a discrepância entre a casa e a vida da patroa, mulher branca e com boas condições financeiras, e a sua vida e seu barraco, que comporta além dela o pai, os três filhos e a irmã (que pouco aparece em casa). Vivendo em condições precárias a personagem é quem cuida de todos e por isso é o pilar da família; a maneira como ela vê a patroa e é vista por ela é sintomático para pensarmos sobre a questão da desigualdade no Brasil:

⁴ Como é o caso da mulher de Fuinha, morta depois de mais um espancamento do marido (EVARISTO, 2013, p. 112).

Ditinha olhou para a patroa e sentiu o ar de aprovação no rosto da dela. Como D. Laura era bonita! Muito alta, loira, com os olhos da cor daquela pedra das jóias. Ditinha gostava muito de D. Laura e D. Laura gostava muito do *trabalho* de Ditinha. (EVARISTO, 2013, p. 141, grifo nosso).

Num momento sem precedentes a personagem pega um broche da patroa e vai para casa com ele; acusada de roubo é presa e mesmo quando retorna para casa convive com a vergonha e se isola completamente do mundo exterior.

Eurídice Figueiredo afirma que:

Mulheres subalternizadas, discriminadas em razão da etnia, da classe social, do gênero, elas sofrem todo tipo de desprezo da sociedade, mas resistem, cuidado sozinhas de sua prole, porque seus homens morrem ou desaparecem. Forçadas a viver numa sociedade que as ignora ou descarta, elas não conseguem se inserir de maneira adequada, tornam-se migrantes, tentando sobreviver, em condições miseráveis. (FIGUEIREDO, 2013, p. 157-158).

A narrativa de Evaristo mostra bem essa realidade de subalternidade e discriminação. Ao longo de 95 fragmentos⁵ a história de várias personagens vai sendo contada e refletida. Quando a personagem Filó Gazogênia está prestes a morrer ela pensa no passado e em seus entes queridos, mas o que ela mais quer é deixar de sofrer: “O sol esquentava-lhe o corpo tão vazio de carne e quase vazio de vida. Teve vontade de chorar, sentiu um misto de prazer e de dor” (EVARISTO, 2013, p. 152), para muitos moradores, como Tio Totó era preferível morrer a continuar sofrendo. Toda essa situação de sofrimento faz com que Maria-Nova reflita sobre a existência humana.

Mais uma personagem que precisa ser citada é Maria-Velha, mulher de Tio Totó. Enquanto ele se entregava ao sofrimento e ao desespero em ser despejado da favela, sem esperanças em construir um novo futuro Maria-Velha, juntamente com a irmã Mãe Joana, buscava forças para continuar:

⁵ O romance não é dividido em capítulos, mas em fragmentos que vão apresentando a vida, a história e a ótica dos moradores da favela, alternando memórias de vida e denúncia social.

Maria-Velha e Mãe Joana demonstravam uma confiança que não tinham naquele momento. Era preciso não amargar mais Tio Totó. Mãe Joana não queria amargar os filhos. Elas sabiam, porém, que as dificuldades seriam redobradas. Como viriam trazer e buscar as roupas? Como manteriam a freguesia? Mudar a forma de trabalho? Voltar a trabalhar nas casas de famílias? Quem cuidaria de Tio Totó e das crianças? Havia o medo, o desconhecido, os bichos. Havia o enorme desamparo. (EVARISTO, 2013, p. 243).

As mazelas sociais escancaradas pela desapropriação do terreno da favela e a expulsão dos moradores também é abordada na narrativa. No prefácio de *Becos da Memória* Schmidt afirma que o romance desenvolve-se sem o uso de estereótipos, tão presentes no sistema social vigente, sendo assim “São todas personagens femininas que atualizam, em suas histórias de vida e em seus próprios corpos, uma relação repetidamente evocada na narrativa: a aproximação entre senzala e favela.” (EVARISTO, 2013, p. 18) Acreditamos que o espaço em que a história é narrada ganha muita importância exatamente porque evoca um lugar de subordinação histórica para a formação do povo negro no Brasil e o romance analisado traz a tona uma reflexão sobre um passado escravocrata que continua fazendo parte do dia-a-dia da população negra. “Para Fanon, como eu disse antes, a violência é a síntese que supera a reificação do homem branco como sujeito e o do homem negro como objeto” (SAID, 1995, p. 334), em diversos fragmentos a maneira como as relações sociais são desenvolvidas confirmam a objetificação do ser humano negro, bem como a necessidade em libertação interna e externa.

O personagem Negro Alírio surge com uma postura de resistência a esse sistema escravocrata. Nascido numa fazenda ele testemunha um assassinato a mando do coronel, e induzido a não denunciá-lo pelos próprios familiares, aprende a ler e a escrever e começa a mostrar aos demais trabalhadores que é possível fazer diferente, mesmo com tantas adversidades:

“Ele ia de vez em quando à cidade e voltava com livros. Trazia notícias sobre o que acontecia por lá”, ele era uma espécie de mentor para os trabalhadores, “lendo para os outros, estudando com eles um jornal que explicava tim tim por tim tim, o que era sindicato, greve, liga camponesa, reforma agrária.” (EVARISTO, 2013, p. 93).

Maria-Nova interessa-se muito pela trajetória de Negro Alírio desde o momento em que ele chega à favela porque percebe que ele tinha outra visão de mundo, e com ela outras expectativas acerca do futuro. “No Brasil, tem permanecido intacta, em suas linhas gerais, a organização social da cultura oriunda do sistema discriminatório da sociedade escravagista do passado” (BOSI, 1999, p. 86), por essa razão é preciso lutar contra essa realidade e Negro Alírio cumpre essa função. De fato, Negro Alírio fazia a diferença: “Assim foi na construção civil, na padaria, na fábrica de tecidos; onde quer que passasse, Negro Alírio motivava todo mundo a aprender a ler” e não só a ler palavras, ele “explicava que era preciso de que todos aprendessem a ler a realidade, o modo de vida em que todos viviam”. (EVARISTO, 2013, p. 134).

Vemos durante toda a narrativa que o espaço da favela aparece como materialização da condição de inferioridade e exclusão que os moradores vivenciam cotidianamente. Nessa perspectiva favela e senzala são equivalentes. Esse fato fica claro quando a personagem Maria-Nova pensa de maneira crítica sobre a história de seu povo durante as aulas de história, ela “percebia a estreita relação de sentido entre a favela e a senzala, mas mais entristecia ao perceber que nos últimos tempos ali se vivia de pouco amor e muito ódio” (EVARISTO, 2013, p. 191). O trecho citado revela como o sistema de opressão desenvolve nas pessoas o sentimento de continuação da violência.

Segundo Bosi “Lei, trabalho e opressão são correlatos sob o escravismo colonial (...). De qualquer modo, ser negro livre era sempre sinônimo de dependência” (1999, p. 24), entendemos que durante várias gerações o negro tem sido massacrado de inúmeras formas, a leitura de *Becos da memória* proporciona analisar a ideologia dominante que perpetua uma forma de escravização que não diz mais respeito à escravidão oficial, mas às relações sociais pautadas na desigualdade. Vê-se, portanto, que aqueles com heranças e passado escravocrata continuam buscando emancipar-se, criar seu próprio destino; nos casos específicos de Negro Alírio e Maria-Nova essa emancipação aparece através da educação e do que ela pode proporcionar.

Apesar de a narrativa desenvolver um relato da realidade cruel da vida na favela, há também momentos de alegria como o torneio de futebol e as novenas,

e há também companheirismo para com os doentes e os que estão com problemas. Roland Walter afirma que “Conceição Evaristo indica o amor, o carinho, a solidariedade coletiva, a memorização e a criatividade artística como possíveis meios de conscientização e cura da alienação e fragmentação identitária” (WALTER, 2009, p. 78-79) e é isso que uma das personagens da história revela no convívio com os demais moradores, a quem sempre ajudava, tendo inclusive feito o parto de muitas mulheres: “Vó Rita guardava tanto amor no peito! Também tinha mesmo o coração grande (...). Todo mundo sabia quando ela estava para chegar. Vivia falando. Nunca vi Vó Rita calada. Se não conversava, cantava.” (EVARISTO, 2013, p. 43) Também o personagem Bondade ajudava a todos com palavras e objetos, e Negro Alírio sempre mostrava a possibilidade de trilhar um caminho que levasse os moradores a uma vida mais digna.

Quando os moradores da favela descobrem que deverão se mudar daquele lugar, tendo que escolher entre uma quantia irrisória como indenização ou algumas tábuas para levantar outro barraco é possível compreender a importância da união daquelas pessoas, uns ajudando os outros, cada um sentindo a dor do outro e Maria-Nova sentindo a dor de todos. Segundo a protagonista “Havia sonhos que não cabiam em barracos, que não se realizavam jamais. Havia a ilusão para se aguentar a viver” (EVARISTO, 2013, p. 169). O que a narrativa parece afirmar é que mais do que apenas sonhar existe a necessidade em lutar pela libertação das amarras da desigualdade (independentemente do nível ou da esfera dessa desigualdade), nesse caso “A emancipação como libertação significa não só o reconhecimento dos subalternos, mas também a erradicação da estrutura de poder que mantém a hegemonia e a subalternidade” (MIGNOLO, 2003, p. 178).

Além das questões relacionadas à problemática do gênero e da raça para a implantação da subalternidade, e além da exemplificação da favela a fim de tomar conhecimento do passado escravocrata dos personagens, outro elemento surge em *Becos da memória* com uma função de tornar possível o entendimento da realidade. Esse elemento é a memória, e ela tem um papel importante na construção dos enredos de Evaristo. Desde o início do romance ficamos conhecendo não apenas a vida de Maria-Nova, de seus familiares e demais

moradores da favela, ficamos conhecendo como a trajetória desses personagens teve influência para a forma como eles encaram a vida e sentem suas frustrações. Maria-Nova entra em contato com o passado dos moradores, de seus sonhos e seus desesperos:

Maria-Nova, talvez, tivesse o banzo no peito. Saudades de um tempo, de um lugar, de uma vida que ela nunca vivera. Entretanto o que doía mesmo em Maria-Nova era ver que tudo se repetia, um pouco diferente, mas no fundo, a miséria era a mesma. O seu povo, os oprimidos, os miseráveis, em todas as histórias, quase nunca eram os vencedores, e sim, quase sempre, os vencidos. A ferida dos do lado de cá sempre ardia, doía e sangrava muito. (EVARISTO, 2013, p. 91).

O passado funciona como um guia para o entendimento da realidade desses personagens, e aproxima Maria-Nova da história de seus antepassados, em várias passagens a protagonista demonstra ter uma conexão com o passado, ela tem a consciência de que é fruto desse passado de opressão e marginalidade. Para Said “A invocação do passado constitui uma das estratégias mais comuns nas interpretações do presente”, isso acontece não só pela “divergência quanto ao que ocorreu no passado e o que teria sido esse passado, mas também a incerteza se o passado é de fato passado, morto e enterrado, ou se persiste, mesmo que talvez sob outras formas” (SAID, 1995, p. 33). É preciso salientar que a forma como entendemos nosso passado molda nossas concepções de presente e é parcialmente responsável pela forma como pensamos, agimos e reagimos.

O passado interfere no desenvolvimento da identidade, pois ela “é um conjunto de características pessoais ou comportamentais pelas quais o indivíduo é reconhecido como membro de um grupo”, além disso a identidade é “uma espécie de fator coletivo compartilhado por pessoas da mesma história e ascendência” (BONNICI, 2007, p. 146). Concebe-se que com a convivência com os demais moradores da favela Maria-Nova pode sentir-se inserida naquela história de marginalidade; a identidade que a protagonista de *Becos da memória* desenvolve acontece a partir da inserção na realidade da comunidade e na negociação com suas recordações. Maria-Nova queria usar seu conhecimento para dar voz a essas pessoas: “Um dia, não se sabia como, ela haveria de contar tudo aquilo ali. Contar as histórias dela e dos outros. Por isso ela ouvia tudo tão atentamente. Não perdia nada” (EVARISTO, 2013, p. 49) e é nesse desejo por

uma vida melhor que a personagem não apenas mostra ter consciência de suas origens mas também revela o desejo de inserir seu povo na história.

Através da convivência com vários tipos diferentes de pessoas a protagonista aproxima-se de sua história a fim de modificá-la. A análise deste romance exemplifica o fato de que “O olho do colonizador não perdoou, ou mal tolerou, a constituição do diferente e a sua sobrevivência” (BOSI, 1999, p. 62) e é buscando um espaço nesta sociedade tão excludente que Maria-Nova acredita que a escrita será sua forma de resistência, e as pessoas da favela, especialmente as mulheres, são sua inspiração. Mesmo tendo de sair da escola ela acredita que um dia irá contar a história de seu povo, e fará com que essa história seja ouvida.

Citamos neste trabalho algumas das personagens que a nosso ver merecem destaque, visto que “as sensibilidades não são essenciais e não estão inscritas no nascimento dos indivíduos, mas formam-se e transformam-se, criam-se e perdem-se (...) no decorrer da vida” (MIGNOLO, 2003, p. 264) acreditamos que Vó Rita, Tio Totó, Maria-Velha, Bondade, Mãe Joana, Negro Alírio, Ditinha, Filó Gazogênia aparecem na narrativa para cumprir o papel de fazer parte da menina Maria-Nova, sendo responsáveis pelo desenvolvimento de sua sensibilidade, e conseqüentemente, da identidade da protagonista, que apesar de tão jovem já compreende o sofrimento de seus familiares e vizinhos.

Conceição Evaristo propõe em seus textos a afirmação da existência de uma literatura negra, nela há “o surgimento de um sujeito de enunciação no discurso poético, revelador de um processo de conscientização de ser negro entre brancos” (BERND, 1998, p. 48), ou seja, de não mais ser objeto, tornando-se o sujeito enunciator. Quando Maria-Nova afirma, logo no início do romance “Como éramos pobres! Miseráveis talvez! Como a vida acontecia simples e como tudo era e é complicado!” (EVARISTO, 2013, p. 29) a personagem faz referência à cisão social, histórica, cultural e econômica da população negra em relação à ‘elite brasileira’ e mostra que tem o entendimento sobre esta questão. E apesar da certeza que “A vida passou e passou trazendo dores” (EVARISTO, 2013, p. 33) o romance *Becos da memória*, mesmo utilizando-se de imagens fortes e tristes não esquece de afirmar que ainda há esperança. E a esperança sustenta-se na força

da memória. Pois se a memória “é um lugar onde são travadas batalhas sobre lembranças individuais e coletivas, bem como sobre seus significados” (WALTER, 2009, p. 67) ela é uma base para a resistência do ser subalterno. E por essa razão a escrita dessa memória de sofrimento também é uma (re)escrita do ser negro no mundo.

Referências Bibliográficas

BERND, Zilá. **Introdução à Literatura Negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BONNICI, Thomas. **Teoria e Crítica Literária Feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 2ª edição. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

FIGUEIREDO, Eurídice. **Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidad del poder y clasificación social**. *Jornal of World-Systems Research*, vol. Xi, n. 2, 2000.

MIGNOLO, Walter. **Histórias Locais/ Projetos Globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida (et all). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WALTER, Roland. **Afro-América: Diálogos literários na diáspora negra das Américas**. Org. Liv Sovik. Recife: Bagaço, 2009.